

A ENGENHARIA POÉTICA DE MANOEL: FEITO DE BARRO



IV SICCAL

[GT 2 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE]

Therence Santiago Alves Feitosa

Departamento de Comunicação e Semiótica da PUC/SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A presente investigação se concentrou em analisar alguns poemas de Manoel de Barros. Foi pretendido perceber e apontar como as narrativas de sua poética são compostas por diversos elementos barrocos em relação. Tais composições imbrincadas mostram formas possíveis de entrelaces dos diversos materiais disponíveis aqui, na América Latina. Foi utilizado na investigação a forma de pensar radicalmente qualitativa no que fere a performance dos dados que emergiram durante o processo investigativo. Foi possível perceber que Manoel em suas construções poéticas confeccionou elementos gráficos que extrapolaram as palavras. Elementos que produziram imagens, sons, cheiros. Tais gestos poéticos evidenciaram profusões ímpares entre os sujeitos, as paisagens e os objetos da cultura.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Barroco. Semiótica da Cultura. Poesia. América Latina.

The present investigation focused on analyzing some poems by Manoel de Barros. It was intended to perceive and to point out how the narratives of his poetics are composed of several baroque elements in relation. Such overlapping compositions show possible ways of linking the various materials available here in Latin America. It was used in the investigation the way of thinking radically qualitative in that it hurts the performance of the data that emerged during the investigative process. It was possible to see that Manoel in his poetic constructions made graphic elements that extrapolated the words. Elements that produced images, sounds, smells. Such poetic gestures showed odd profusions between subjects, landscapes and objects of culture.

Keywords: Manoel de Barros. Baroque. Semiotics of Culture. Poetry. Latin America.

La presente investigación se centró en el análisis de algunos poemas de Manoel de Barros. Se pretendía percibir y señalar cómo las narrativas de su poética están compuestas de varios elementos barrocos en relación. Tales composiciones imbrined muestran posibles formas de entrelazamiento de los diversos materiales disponibles aquí en América Latina. Se utilizó en la investigación la forma de pensar radicalmente cualitativa en lo que perjudica el rendimiento de los datos que surgieron durante el proceso de investigación. Fue posible darse cuenta de que Manoel en sus construcciones poéticas hizo elementos gráficos que extrapolaban las palabras. Elementos que producen imágenes, sonidos, olores. Tales gestos poéticos evidencian profusiones ímpares entre los sujetos, los paisajes y los objetos de la cultura.

Palabras clave: Manoel de Barros. Cultura barroca. Semiótica. Poesia. Latinoamérica.

Introdução

Em meus constantes exercícios arqueológicos de mim mesmo, percebo que uma coisa em específico, sempre de certa maneira me (dês) norteou: a poesia. Ainda criança, fui tomado por uma admiração/fascínio enorme pela poesia. Alguns adultos liam poesia em casa e isso, substancialmente me afetava. Minha relação com a poesia sempre foi muito mais de sentir/perceber as sensações que ela me provocava (de maneira livre), do que de fato “dissecá-la” em suas questões estruturais/lexicais (não que isso, não seja importante). Lembro que desde minha adolescência já arriscava alguns versos, registrava anseios e alegrias no papel que possuía ao alcance das mãos. Minhas canetas e lápis eram amigos próximos que me ajudavam com os simples/complexos dilemas da fase na qual me encontrava.

Quando penso em poesia, ou melhor, quando sinto poesia, entendo que a mesma ganha potência semântica nos próprios sentidos provocados por ela, ou seja, quando ocorrem entrelaçamentos dos elementos/materiais da cultura com os sujeitos da cultura, em seus ambientes/paisagens, é que a poesia ganha e produz significados, Lótman (1996), deixa isso interessantemente explícito. Os poemas são frutos de processos tradutórios, atrelados aos “enrosco/profusões”, consequências de experiências potentes vividas. Tais desdobramentos vividos/práticos, é que dão corpus aos versos. Interessante pensar que esses versos já “estão ali”, antes mesmo, de graficamente se tornarem versos, ou seja, as coisas antecedem as palavras. A força da natureza/paisagem

teluricamente já se mostra potente, pois temporalmente pensando/falando, são anterior inclusive a ideia de compreensão “racional” da chamada civilização (euro-centrada).

A poesia de Manoel de Barros possui a capacidade de me “jogar” em profundas águas da imaginação. Quando o leio, sinto a temperatura do rio do poema, percebo o ritmo e a força desse rio. Observo e toco as margens que o modelam e o conduzem. Escuto os cânticos afinados dos pássaros narrando seus momentos de contemplação. As cores das flores, as múltiplas formas das plantas, preenchem minhas acuidades visuais. Os cheiros da mata, dos bichos, das pedras, das águas, da terra, me tomam por completo. Durante a imersão nas letras compósitas do poeta, que se mostram em atentas traduções caboclas-mestiças barrocas, mapas sensíveis são desenhados, cartografias do possível se dilatam, resultam daí, instantes em devir, e nesses momentos a natureza se mostra mestra.

Manoel, tatilmente não só sente, como que com as mãos (pensando aqui, um trabalho de produção escultural na argila) dava formas narrativas barrocas aos cenários vividos/sentidos por ele. Sua poesia se concentrava na ampliação rizomática do diminuto. Na percepção aguda do miniatural, era identificado alguns entrelaces entre os inúmeros materiais da natureza/cultura (amalgamados, incrustados) e os sujeitos. Os sentidos eram produzidos, a partir dos sentidos provocados pelas experiências de interconexões entre os múltiplos elementos disponíveis. Tais elementos sempre se mostraram abundantes na América Latina. Pois aqui, segundo Pinheiro (2013:30), foi “o lugar do

encontro entre as civilizações ameríndias, ibero-anadaluzas e afro-árabes”. Esses mosaicos culturais foram sendo confeccionados em tempos interativos/constantes. Fato esse, que resultou em profusões ensimesmadas que explosivamente e em fluxos contínuos, se voltavam para fora. Isso ocorrendo em efeitos de vai e vem, em movimentos de ziguezague.

A presente investigação se desdobrou nos meandros da forma de pensar radicalmente qualitativa, onde o que se procurou, a partir de sensações, e (de) codificações minhas, dentro de uma ideia auto-etnográfica com a poesia barriana, foi de certa maneira ser um canal/condutor da voz, das letras, palavras e versos do grande poeta. Isso, a partir de análises internas e externas de alguns poemas de Manoel. Os poemas analisados nessa investigação foram escolhidos pelo fato dos mesmos, apresentarem dentro de si, uma gama vasta e interessante de elementos que caracterizam as formas poéticas (enquanto argamassa e modos/gestos de criação) da poesia de Manoel de Barros.

O que pretendo aqui, é dentro das minhas possíveis formas de tradução, provocar algumas reflexões atreladas aos processos criativos/inventivos do poeta. Ai, que se concentra uma das questões fundantes da pesquisa radicalmente qualitativa: a atenção aos processos onde o “objeto estudado”¹, dá lugar a olhares para a “coisa estudada”, pois essa se mostra

1 O termo “objeto” de estudo, na forma de pensar radicalmente qualitativa perde força semântica e hermenêutica, pois se apresenta teoricamente como uma dado acabado em se tratando das análises possíveis (dedutivamente pensando).

como algo em devir, em constante movimento, metamorficamente em processo, se (re) atualizando a cada experiência atrelada a própria relação do investigador com os processos investigativos e a “coisa” investigada, o que na presente investigação, são alguns poemas de Manoel de Barros. Nas possibilidades semânticas do tato com o poema, creio que o que deve ser feito, é justamente o exercício hermenêutico de imersão no “estado/ser” do poema. Devemos desenvolver conexões significantes (por inteiro), com as imagens/sensações oriundas das decodificações do poema. Barthes (2015) nos ensina a importância de uma espécie de mergulho no lado de dentro da palavra (tendo em vista que somos seres da e na linguagem).

Voices gráfico-sonoras do barroco

O barroco na América Latina se mostrou e se mostra de maneiras bem peculiares. As formas, ritmos e como os materiais da cultura se fundiram pelos lados de cá, deram características plurais as misturas que ocorreram. Desde elementos atrelados as línguas, as comidas, vestimentas, músicas, religiões, etc., bem como, os processos de acúmulos que aconteciam aos montes e eclodiram em outras tantas “coisas” por todos os lados. Conflitantes em alguns momentos, violentos em outros, e poéticos em alguns, não se pode negar que os trâmites socio-culturais que deram corpus aos povos latino-americanos foram tensos, intensos e excessivos (no bom sentido). As relações intertextuais, geraram múltiplas

combinações de códigos de linguagens que de maneira sintática-metonímica deixavam as coisas voltadas para o aberto, para o externo. Pinheiro (2013:17) indica que pelos lados de cá “os materiais da natureza são uma força tectônica de base”, ou seja, as microdiversidades são como microlinhas que tecem os fios, que entrelaçados a outros fios, produzem os sentidos de tudo, se transformam em malhas, as quais nos envolvem em roupagens mestiças.

Pensando nessas relações/roupagens imbricadas entre sujeitos/natureza/cultura, onde estamos de um jeito ou de outro conectados (em maiores ou menores intensidades, mas conectados), os entrelaces brotam aos montes. Enrodilhos se multiplicam na velocidade dos ventos, tais ventanias semasiológicas geram signos, os quais se confundem com os significados e os significantes. Esses processos relacionados as produções de signos, resultam em múltiplos significados em séries. Tinianov (1975), bem atenta para esses movimentos. Nas substâncias (semióticas) que formam as palavras, se têm a arquitetura etimológica da letra. Nessas feitura arquitetônicas, é importante entender/perceber os pontos de intersecções semânticos, pois nesses lugares sensíveis, é que as coisas ganham texturas vultosas, consistentes e em expansão.

O que de fato ocorre na poética de Manoel são potentes atos de traduções. Essas traduções são o resultado de processos contínuos de antropofagismos. Manoel evidencia justamente os lugares onde ocorrem as intersecções, as dobras barrocas, os acúmulos. É como um processo em fluxo de palimpsesto. Tais processos alimentam-no e conseqüentemente se voltam para fora,

em suas letras, sílabas, palavras, versos, estrofes, poemas. Como ele mesmo diz,

No amanhecer o sol põe glórias em meu olho.
E o rio encosta as margens na minha voz.
Eu queria que as garças me sonhassem.
Eu queria que as palavras me gorjeassem.
Então comecei a fazer desenhos verbais de
[imagens.

No plano sensorial/imagético tais desenhos se dilatam, reverberam e expandem de dentro para fora, e de volta. A imaginação nos versos de Manoel de Barros ganha morada solta, livre, lúdica. Não se trata de um simples jogo de palavras ou metáforas excessivas hiperbólicas, mas sim, de uma proposta qualitativamente radical de “revirar as palavras/sentidos do avesso”, e gerar/possibilitar outros caminhos semânticos a ser percorridos. As estruturas narrativas da poesia barriana mostram sofisticadas ações metonímicas, as quais filigranicamente vão tecendo malhas discursivas atreladas a roupagens de certas desconstruções da própria palavra, novamente aqui, me remeto a Barthes (2000) para ilustrar certa arqueologia da palavra. Nesses gestos gráficos, pensando aqui, em Flusser (2014), as prosopopeias se alastram sinuosamente por todos os espaços possíveis, ocupam lugares que muitas vezes passam despercebidos, mas no entanto, sempre estiveram “lá”, nos interstícios da linguagem.

No verso “e o rio encosta as margens na minha voz”, é possível escutar o barulho das águas correntes do rio, sons os quais oralmente se materializam na fala que escapa, produzindo o que Bakhtin (2014) chama de polifonias significantes, nesse momento, é possível perceber os

sons/ruídos encontrando outras formas de expressão, de instrumentalização semióticas/linguísticas/imagéticas. Tais pulsões ganham abrigo livre na palavra. Dialogismos empurram e puxam os sentidos produzidos, encarnados, nesse passo as “margens” não comprimem, dilatam, conduzem, delineiam, ecoam, e como diria Zumthor (2005), provocam a materialização da voz. Isso tudo em gestos gráficos-sonoros recheados de prosopopeias hiperbólicas contínuas.

Tais gestos, desencadeiam movimentos significantes. Tais movimentos tendem a preencher lacunas interpretativas/sensitivas. Lacunas que em alguns momentos evidenciam espaços “desocupados” ou “ocupados” demais. Espaços repletos de objetividades cristalizadas. Na maioria das vezes tais cristalizações acabam por aleijar outras possibilidades sensíveis/analíticas. Isso desencadeia normativamente debilidades reflexivas em se tratando de entendimentos necessários no que fere a importância das subjetividades (enquanto interpretação das coisas da vida). Daí que o seguinte verso traz uma provocação semântica/lexical, “eu queria que as garças me sonhassem/eu queria que as palavras me gorjeassem”, ou seja, o gesto de produção de sentidos urge na direção de outras relações com a palavra, extrapola os elementos contidos dentro dela, arremessa-a e a recolhi em movimentos de vai e vem. As distâncias de contingências semânticas diminuem.

Manoel de Barros, em suas estéticas poéticas tenta encurtar essas distâncias, a partir de sublimes articulações gráficas/sonoras/visuais que possibilitam deslizares de palavras que se interpolam umas

nas outras de maneiras e formas barrocas, como por exemplo, nesse trecho de poema,

As coisas que não levam a nada
Têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de
[estima

As coisas que não pretendem, como
por exemplo: pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
E que você não pode vender no mercado
Como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia

Nos versos que se esparramam nessas estrofes é perceptivo localizar preferências por conjunções que ilustram sintaticamente outras formas em se relacionar sujeitos/ambiente e as coisas do mundo. Hipérboles são utilizadas aos montes. As mesmas não só possibilitam “brincadeiras” interpretativas, como mostram outras formas de contato/contágio com as palavras (dentro do universo semântico) e seus respectivos significados ao longo das distribuições fraseais da narrativa. O mais interessante são as perspectivas que emergem em relação a pensar nossas situações/ações no tempo-espaço.

A nossa duração (existencialmente falando) ocorre no tempo presente da mesma, enquanto gesto/forma. Segundo Bergson (1979), é o instante da duração existencial que arquiteta nossa memória. Tal arquitetura relaciona-se com as

percepções/sensibilidades. Tais desdobramentos possuem na memória o lugar de ativação, fluxo e delonga. Isso facilita um melhor entendimento dos processos viventes, sensivelmente falando. A poesia barriana delicadamente exagera (no bom sentido) os haveres estéticos/estilísticos (enquanto escrita). Isso permite a confecção de estados de permanência. É justamente no manuseio dos materiais das “coisas que não pretendem” que os sentidos prorrompem, geram outros prismas, novas/velhas formas sintáticas. Em “cada coisa ordinária” que é “um elemento de estima”, as palavras ganham prolongamentos, quase que se tornam “outras coisas”, quase que deixam de ser “palavras”. As “pedras que cheiram água”, e os “homens que atravessam períodos de árvore”, evidenciam a tentativa de outras perspectivas significantes.

Manoel, cria jogos de prosopopeias em devires, que se viram, reviram, e de novo, voltam para seu estado inicial em movimento. Seria o “coração verde dos pássaros” como uma argamassa essencial para a (re) construção e aproximação das relações mais sensíveis entre as “palavras e as coisas”, nesse momento o Ser no mundo ganha mais significância e entendimento (por parte do próprio sujeito em relação a si mesmo).

O viajante de pés descalços

A poesia barriana possibilita exercícios antropofágicos constantes relacionados a atualizações de estados sensíveis com o mundo. Penso a poesia da Manoel como

expressões/descrições de um andarilho em suas caminhadas. Experiências de andanças por trilhas e mais trilhas de contatos com o mundo, e nesse mundo complexo e diverso, as interconexões com a natureza/paisagem se deram (pensando em Manoel) de maneiras e formas diversas, porém atentas. O interessante é perceber que os “enroscos” com as coisas do mundo, no mundo, ocorriam de forma quase que espontânea. Sem pressa, sem estratégia prévia (ou intenção racional), o gesta/ato de perceber (por parte do poeta) acontecia durante o processo, algo como a ideia de Merleau-Ponty (1999) sobre a percepção enquanto fenômeno corrente e presente. Nesse outro poema fica bem claro isso,

Fui andando...

Meus passos não eram para chegar porque
[não havia
chegada

Nem desejos de ficar parado no meio do
[caminho.

Fui andando...

A forma de Manoel de Barros produzir suas imagens/poemas, seus sons/poemas, seus cheiros/poemas, evidenciam os excessos, os acúmulos de coisas incrustadas, típicas do barroco latino-americano. Essas “coisas” (objetos da cultura) por aqui, metonimicamente se agarraram, e se agarraram umas nas outras, se amalgamam com as coisas da natureza, se fundem, e como mosaicos sendo formados a todo momento (em constantes metamorfoses em profusão) se deslocam em efeitos bumerangues, tudo isso ocorrendo nos (entres) mais variados ambientes/paisagens/sujeitos.

Nas palavras de Ingold (2015:26), “a vida, em suma, é um movimento de abertura, não de encerramento”. O mais interessante é que

nessas relações entre sujeitos/objetos/natureza - que se confeccionam a partir da cultura, as tramas tecidas algumas vezes ocorrem independentemente das ações/discursos dos sujeitos, ou seja, os objetos da cultura ganham forma e se movimentam aleatoriamente, assimetricamente, e isso, modela e remodela os fenômenos em suas complexidades. Morin (1977), em certos momentos se dedica em ilustrar tais complexidades. O mundo como abertura, e não como algo findado. No mundo para o aberto os fenômenos compósitos acabam dando mais sentido para a vida.

Importante compreender que tais fenômenos se dobram e se desdobram, tendo como fator de propulsão a natureza. Manoel de certa forma em sua produção andarilha poética extrai todo esse material disponível da natureza/cultura, não no sentido de reter esses materiais, mas sim, mostrar que os mesmos, sempre se apresentam em fluxo, em movimento. Ele dá outras formas possíveis a esses elementos extraídos. Pois, uma das ideias do poeta era de certa forma indicar outra “forma”, afinal, “meus passos não eram para chegar/porque não havia chegada”.

Manoel consegue a seu modo abrir o mundo das coisas, dar outros ritmos possíveis aos próprios significados dessas mesmas “coisas”. Esse trecho de outro poema ilustra bem o raciocínio acima,

Com a boca escorrendo chão
o menino despetalava o córrego
de manhã todo no seu corpo

A água do lábio relvou entre pedras...

Árvores com rosto arreiado
de seus frutos

ainda cheiravam a verão
Durante borboletas com abril
esse córrego escorreu só pássaros

A capacidade criativa/inventiva de Manoel de Barros em “reinventar” a palavra e gerar sentidos a partir de outros sentidos produzidos se mostra em toda a extensão do poema acima, e é possível presumir que isso acontecia dialogicamente, pensando aqui, o conceito trazido por Bakhtin (2000), onde as interconexões só ocorrem, dentro das relações e correlações que acontecem entre todos os envolvidos nos processos comunicacionais (entendemos aqui, também tais desdobramentos entre as “coisas”, as palavras e os sujeitos).

Nos versos que preenchem as estrofes do referido poema, ocorrem interconexões entre vários elementos e essas interconexões, por sua vez, se emaranham de tal forma que fabricam tecidos flexíveis novos, produzem malhas sensíveis consistentes, as quais não só vestem nossa imaginação, como possibilitam o surgimentos de outras séries de linguagens em progressão. Como fagulhas que ascendem imagetivamente a fogueira do universo poético do exequível, as inúmeras propoções perpassam semioticamente os interstícios que se encontram minuciosamente “escondidos” entre as palavras e as coisas. Essas fagulhas geram relações sensíveis com outros espaços dentro dos mesmos espaços, ou seja, poeticamente, outras formas de viver o mundo, algo como “a água do lábio relvou entre pedras”.

Nessas toadas, metagoges explorem, ligam tudo a tudo, fazem com que o impossível seja apresentado como algo ao alcance dos olhos, mãos, corpo inteiro.

Como por exemplo, apontam os versos, “com a boca escorrendo chão/o menino despetalava o córrego/de manhã todo no seu corpo”. A ideia do andar por entre os caminhos possíveis da percepção, passa toda a narrativa. As semeioses explodem por tudo, e se retraem novamente, e se juntam em elementos essenciais das próprias coisas, e explodem de novo. Isso amplia suas capacidades “materiais” substanciais. Ocorre o que Merleau-Ponty (1999) entende como sendo uma espécie de jogo entre as coisas inerentes ao ambiente e os seres que as percebem.

Intuição, ação e a letra

O gesto poético de Manoel, provavelmente alimentava-se das formas sensíveis em que o mesmo percebia as informações que a natureza deixava escapar. Como linhas de fugas rizomáticas, tomando emprestado aqui, essa ideia de Deleuze (2011), intui-se que os elementos presentes na natureza iam ao encontro do poeta. Nesses lugares de encontro, onde as coisas se misturavam (consciente e inconscientemente) os entrelaces substanciais ocorriam de formas diversas. Microdiversamente, miniaturalmente, as linhas se tocavam, se esbarravam, embaraçavam-se umas nas outras, e esses fenômenos aconteciam ininterruptamente, importante frisar que tudo isso era captado pelo poeta.

Manoel conseguia a seu modo produzir o que Pinheiro (2013:20) chama de “nexos recíprocos da letra ao verso e as

estrofes”, e isso acontecia em processos de tessituras de séries de linguagens sensíveis e disponíveis (ao alcance sensorial do poeta), sobretudo as séries da natureza, onde dizia Pinheiro (2013:20), se concentrar “todo o reino mineral, vegetal e humano-animal”. Tais séries afetavam significativamente a produção poética de Manoel. Argumentos identificáveis no poema abaixo,

A água passa por uma frase e por mim.
 Macerações de sílabas, inflexões, elipses,
 [refegos.
 A boca desarruma os vocábulos na hora
 [de falar
 E os deixa em lanhos na beira da voz.

É inegável a habilidade de sintaxe do poeta em se tratando das aproximações dialógicas entre os elementos da natureza, com os elementos da cultura (o fazer poesia) e os sujeitos (personagens das narrativas). Parece-me que ocorre o continuum semiótico a que Lótmán (1996) tanto se refere, e isso se dá o tempo todo, todo o tempo, uma vez que as palavras e as coisas, ou as coisas e as palavras emergem em rios sensíveis em cursos encadeados constantes, juntos, nadando em busca de correntezas de significados mais potentes, avultados, entrelaçados. Importante apontar aqui, que no Barroco latino-americano tais movimentos ocorrem em vários âmbitos, esferas e formas e intensidades diferentes.

Os processos amalgamados de coisas acontecem nas múltiplas relações possíveis entre tudo que está envolvido no tempo-espaço constituinte dos fenômenos, tais processos ocorrem nas ações. Interessante apontar que o poder sintático de Manoel, é justamente de fazer com que suas formas estruturais (linguagem) em relação aos elementos linguísticos

identificar certas aberturas conceituais mais criativas em relação ao que quer dizer “a palavra”. Dentro da experiência do Ser, pensando nas palavras e as coisas, surgem interconexões semânticas entre o que é dito de fato e a importância do próprio gesto de dizer. Ou seja, tais aberturas de outras possibilidades sensíveis/linguísticas atreladas as coexistências entre as coisas/fenômenos e os sujeitos, não só ocorrem nas experiências sensíveis, como se tornam as próprias experiências, e nesse sentido, o mundo das coisas ganha mais sentido. Um outro bom exemplo disso é o poema abaixo,

Eu queria aprender
o idioma das árvores.
Saber as canções do vento
nas folhas da tarde.
Eu queria apalpar os perfumes do sol.

O menino contou
que morava nas margens
de uma garça.
Achei que o menino
era desaparecido.
Porque as garças
não têm margens.
Mas ele queria ainda
que os lírios o sonhassem.

Sentado sobre uma pedra.

Nesse poema, é possível perceber ousadas inventivas em se tratando de reconfigurações existenciais do sujeito da narrativa. Tais reconfigurações ocorrem justamente nas formas das relações que esse sujeito desenvolve com os objetos da cultura e a paisagem do ambiente habitado. Isso pode ser percebido nos seguintes versos, “eu queria aprender/o idioma das

árvores”, esses versos deixam claro a ousadia da escrita de Manoel. Essa ousadia se alimentava provavelmente das sensações sentidas por ele, no tempo-espço o qual habitava. O resultado dos seus inúmeros exercícios de conexões constantes existenciais eram descritos em sua poesia. Nos seguintes versos isso fica bem claro, “o menino contou/que morava nas margens/de uma garça”, as formas narrativas são levadas de certa maneira a possibilidades infinitas em se tratando de aspectos hermenêuticos. O mais interessante nisso tudo, é entender que possivelmente os processos criativos do poeta ocorriam em constantes gestos/atos de inventividades livres, leves, atentas.

Nessas construções narrativas repletas de hipérboles e prosopopeias, é possível identificar que as estruturas semânticas das mesmas, são expostas ao avesso, reversivamente². Esses processos de reversão, extrapolam criativamente as questões subjetivas, fazendo com que as manifestações atreladas a potência das subjetividades, percorram outros espaços-caminhos poéticos tangíveis. Merlau-Ponty (1999) ensina que o sentido só emerge nos lugares de intersecção, e nos momentos onde ocorrem os intervalos entre uma palavra e outra, é justamente ali, nesse lugar de interconexões estruturais semânticos, que a magia do texto poético ganha razão de ser, e rizomaticamente amplia suas possibilidades semióticas. Importante apontar que tudo isso só acontece em movimentos contínuos de leituras e releituras, as quais são sentidas no corpo, e pelo corpo, como

2 Pensando aqui, um contraponto interessante em relação a sentidos mais “racionalis” da língua.

bem ilustra o seguinte verso, “eu queria apalpar os perfumes do sol”.

Nesse prisma, tomo como exemplo um olhar de Merleau-Ponty (1999), o qual versa sobre a arquitetura dos sentidos, nele o autor citado por Vicente (2018:36) diz que “a gênese do sentido jamais está acabada”. Ou seja, não só o gesto criativo poético fora gerado em movimento, como a permanência dos sentidos gerados por esses mesmos gestos, permanecem em movimento, e como foi dito antes, tais gestos se reatualizam a cada leitura/contágio com o poema.

Quando se diz “que os lírios o sonhassem”, nesse momento, de estímulo/desejo máximo de outras significações, é que o poema ganha largueza, explode em partículas semânticas que denotam o verso como algo intrincado, tectônico, necessário, e sobretudo, inventivo. Algo como uma subversão nuclear das possibilidades de contato com o poema, algo poderoso que só aparece, a partir das movimentações microfísicas, que atômicamente como reações quânticas, engendram processos de retrações, dilatações, explosões, e uma volta novamente para o momento “primeiro” de tudo. Importante nessa linha de raciocínio pensar aqui, que as leituras e releituras são antropofagismos constantes. O resultado desses processos antropofágicos são outras tantas traduções (por parte de quem lê os poemas). Para ilustrar tais argumentos, basta um interessante exercício de percepção, algo como “aprender/o idioma das árvores/Saber as canções do vento/nas folhas da tarde”.

Feito isso, muitas e muitas vezes, o “mesmo poema”, nunca será o mesmo, mesmo sendo o mesmo sempre, será sempre diferente.

Breves considerações sobre a invenção

Sinto que a pesquisa radicalmente qualitativa nos leva para searas de imersões intuitivas essenciais (no âmbito da existência), e a importância disso é possibilitar-nos mais interconexões com a vida. Pois, dessa maneira conseguimos nos situar no mundo como seres “sinestésicos/pensantes” em constantes relações com as “coisas” do mundo, como bem aponta Manoel de Barros em seus poemas. Creio que o resultado disso, fruto de investigações (mergulhos sensíveis) mais atentas, interfere consideravelmente (para melhor) em uma melhor compreensão das “coisas” da vida.

Manoel, dentro de sua produção textual, a partir dos seus poemas-textos, cria contextos que favorecem o surgimento de exercícios de leituras, em que a cada leitura do mesmo texto/poema, ocorre uma (re) ativação da potência metonímica do poema lido, ou seja, a cada (re) leitura o poema é trazido para o presente, e se reatualiza semanticamente. Isso torna a poesia de Manoel de Barros como uma excelente ferramenta de produção e ativação de memória.

Importante frisar que a poética barriana coloca em evidência a importância das correlações entre as coisas (todas elas), não só no âmbito do possível, mas nas esferas do necessário, ou seja, as formas de produção das narrativas barrianas jogam as palavras e as coisas em outras relações semióticas/hermenêuticas, e consequentemente semânticas. Tais acontecimentos ontologicamente pensando, cria e recria o mundo (dentro dele). Mundo o qual acaba sendo expresso em letras, sílabas, versos, estrofes, poemas.

Os desdobramentos desses fenômenos produzem memórias, ativam mecanismos perceptíveis atrelados as experiências sensíveis já vividas, já sentidas, sensações que já estão amalgamadas no corpo, só que ressurgem de formas diferentes.

Quando criança e adolescente, mesmo antes de “certo conhecimento” mais “técnico” das questões poéticas, a poesia já pulsava dentro de mim. Eu já sentia poesia, era poesia, pois como ensinavam os gregos antigos: a *poiesis* acontece a partir das feitura/ações dos indivíduos, onde as capacidades criativas de produzir as “coisas da vida, e na vida” ocorrem a todo o momento, o tempo todo. Logo, nesse prisma, a *poiesis* está em tudo e de certa maneira em todos (mesmo quando isso não é percebido pelas pessoas). Ou seja, a poesia está dentro de nós antes de ser poesia.

Manoel de Barros era sabido nisso. Eis a magia do fazedor de amanhecer... ■

[THERENCE SANTIAGO ALVES FEITOSA]

É Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor na UNIP e na UNIB. Membro do grupo de estudos Comunicação, Cultura, Barroco e Mestiçagem (PUC-SP) e membro do grupo de estudos ECOAR (EACH-USP). E-mail: thefeitosa.rock@gmail.com

Referências

AGAMBEN, GLISSANT, ZUMTHOR: **Voz. Pensamento. Linguagem.** / orgs. Maria Rosa Duarte de oliveira, Maria José Palo. – São Paulo: EDUC, 2013.

AMÉRICO, E. K. **O conceito de fronteira na semiótica de Iuri Lótman.** Bakhtiniana, São Paulo, 12 (1): 5-25, Janeiro/Abril. 2017.

ANDRADE, Oswald. **Feira das sextas.** Organização e introdução Gênese Andrade. São Paulo. Globo, 2004.

Bakhtin, dialogismo e construção do sentido/ organização Beth Brait. Campinas. Editora da Unicamp, 2005.

Bakhtin: conceito chave / organização Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2014.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa.** São Paulo: LeYa, 2013.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios.** São Paulo. Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

BASTIDE, Roger. **Antropologia Aplicada.** São Paulo. Perspectiva, 2009.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Os Pensadores.** São Paulo, 1975.

BERGSON, Henri, **Cartas, conferências e outros escritos.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras Metas.** São Paulo. Editora Perspectiva, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade.** São Paulo: Editora da USP, 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Imanência.** São Paulo. Editora da USP, 2016.

COLAPIETRO, Vincent. **Pearce e a abordagem do Self. Uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana.** São Paulo: Intermeios, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1983.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 1.** São Paulo. Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibinz e o Barroco.** Campinas-SP. Papirus, 2012.

DELGADO, Manuel. **Sociedades Movedizas. Pasos hacia una antropologia de las calles.** Barcelona. Anagrama, 2007.

ESPINOSA, Benedictus de. **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FLUSSER, Vilém. **Gestos.** São Paulo; Annablume, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro.** RJ: UERJ, 1998.

FONSECA, Maria Augusta. **Por que ler Oswald de Andrade.** São Paulo. Globo, 2008.

FONSECA, Maria Augusta. **Oswald de Andrade biografia.** São Paulo. Globo, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora. Editora UFJF, 2005.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** São Paulo. Companhia das letras, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos Modernos.** São Paulo. Editora 34, 2013.

LÓTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico.** Lisboa, Editorial Estampos, 1978.

LÓTMAN, Iuri, USPENSKII, Boris, IVANÓV, V. **Ensaio de Semiótica Soviética.** Lisboa. Livros Horizonte, 1981.

LÓTMAN, Iuri. **Lá Semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto.** (org. Desiderio Navarro) Madri. Catedra, 1996.

LÓTMAN, Iuri. **Lá Semiosfera II,** Madri. Catedra 1998.

LÓTMAN, Iuri. **Lá Semiosfera III**, Madri. Catedra 2000.

LYOTARD, J. F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro, José Olimpo, 1993.

MACHADO, Irene, Org. **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo. Annablume / Fapesp, 2007.

MACHADO, Irene. **Analogia do dissimilar**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no Século XX. **O espírito do tempo**. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1977.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005

PINHEIRO, Amálio. **Barroco, cidade, jornal**. São Paulo. Intermeios, 2013.

PINHEIRO, Amálio Org. **O jornal e a cidade: um barroco de viés**. São Paulo. Intermeios, 2015.

PINHEIRO, Amálio. Org. SALLES, Cecilia Almeida Org. **Jornalismo Expandido: práticas, sujeitos e relatos entrelaçados**. São Paulo. Intermeios, PUC-SP, 2016.

PIRES FERREIRA, Jerusa. “Cultura é Memória”. In: **Armadilhas da Memória**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2004.

POMORSKA, Krystyna. **Formalismo e Futurismo: a teoria formalista russa e seu ambiente poético**. São Paulo. Perspectiva, 2010.

ROCHA, Reuben da Cunha. **Em torno da poética da pesquisa: semiosfera como epistemologia**. Semeiosis: semiótica e transdisciplinariedade em revista. Setembro de 2010.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto: inacabado processo de criação artística**. São Paulo. Intermeios, 2011.

SARDUY, Severo. **Barroco**. Lisboa: Veja, 1989.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Semiótica Russa**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1979.

Semiótica Russa / organizador Boris Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TINIYANOV, Iuri. **O problema da linguagem poética I: o ritmo como elemento construtivo do verso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TYNJANOV, Yuriy. **Avanguardia e tradizione**. Bari. Dedalo Libri, 1968.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo. Perspectiva, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Simbolismo e Interpretação**. São Paulo. Editora Unesp, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum: ensaios de antropologia geral**. São Paulo. Editora Unesp, 2014.

VICENTE, Vânia. **Arte e verdade em Merleau-Ponty: ecos de um entrelaçamento**. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais elementos para uma antropologia pós estrutural**. São Paulo. Cosac Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Encontros**. Rio de Janeiro. Azougue, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção e Leitura**. São Paulo: Educ, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Escrituras e Nomadismos**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.